



CURRÍCULO: ALGUMAS REFLEXÕES

Kétsia Ferreira Viana Bezerra Dias

Universidade Estadual da Paraíba/Campus I – diasketsia@gmail.com

Resumo: Tratarei neste artigo do currículo humanista que se conhece a partir da catequese jesuítica por ser voltada para a formação do homem perfeito, do bom cristão e centrada em um currículo de educação intelectual baseada na leitura de teóricos para a elite colonial o que promoveu a institucionalização da educação no Brasil; do currículo tecnicista que tinha o objetivo de formar indivíduos para o mercado de trabalho; e por fim do currículo crítico que busca analisar as condições sociopolíticas e econômicas de sua aplicação, visando à transformação da realidade. Para isso, perpasso pelas suas origens a fim de caracterizá-los e, por conseguinte expor as semelhanças e diferenças entre estes currículos que influenciaram e influenciam o currículo escolar e a formação dos professores brasileiros que passaram a adotá-los em distintos períodos da história do país com o objetivo de promover uma reflexão crítica a cerca do currículo trabalhado em sala de aula. O presente artigo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica com base nos teóricos Doll (2002), Giroux (1992), Pacheco (1992), Saviani (2007), dentre outros, e a partir dos estudos realizados no Componente Curricular de Currículo do curso de Pedagogia com a perspectiva de compreender o contexto histórico dos currículos que norteiam o trabalho pedagógico, uma vez que, a escola deve romper com o modelo de educação imposta para que se torne uma ferramenta para desenvolver em cada aluno seu senso crítico e os mesmos devem entender que este é o espaço de atividades reflexivas, contribuindo assim para a formação de novos sujeitos ativos que percebam-se enquanto atores sociais construtores de sua própria história.

Palavras-chave: Currículo, Educação, Aprendizagem.

Introdução

No presente estudo irei versar sobre o currículo que norteia os objetivos da educação escolar e gere a prática pedagógica orientando as atividades educativas no âmbito escolar.

De acordo com Forquin (1996, apud GALVÃO & JÚNIOR, 2005) o currículo é entendido como o que se ensina e o que se aprende não se restringindo a um conjunto de conteúdos prescritos oriundos das diretrizes curriculares indicando o que e como ensinar estruturados em uma sequência. Dessa forma, é uma relação entre ensino e aprendizagem não apenas dos conteúdos escolares como também a aprendizagem informal a qual não foi planejada e sistematizada pelo âmbito educacional, mas aprendida pelos alunos nas relações que permeiam o cotidiano da escola e fora dela envolvendo as relações sociais que fogem das prescrições, pois nem todas as normas de convivência são escritas como as relações de poder e discriminação na qual muitas vezes ficam ocultas.



O currículo base do planejamento pedagógico escolar pode ser de acordo com Goodson (1995, apud GALVÃO & JÚNIOR, 2005) reinterpretado, pois há uma distância entre o interpretado e o efetivado quando posto em prática e também é um processo intencional e planejado, mas podendo ser adaptado quando determinados conteúdos não estão sendo aceitos ou não estão sendo compatíveis com a realidade social da escola. Portanto, o currículo abrange desde as regras de conduta, ou seja, o comportamento, atitudes e ideais a serem seguidos e reproduzidos limitando a liberdade dos indivíduos, como a organização do ensino em disciplinas hierarquizadas pelo grau de importância, ou seja, uma estratificação dos saberes escolares. Dessa forma,

o currículo é tudo aquilo que uma sociedade considera necessário que os alunos aprendam ao longo de sua escolaridade. Como quase todos os temas educacionais, as decisões sobre currículo envolvem diferentes concepções de mundo, de sociedade e, principalmente, diferentes teorias sobre o que é o conhecimento, como é produzido e distribuído, qual seu papel nos destinos humanos. (MELLO, 2014)

Partindo deste estudo, venho versar sobre o currículo humanista, tecnicista e crítico perpassando pelas suas origens a fim de caracterizá-los e, por conseguinte expor as semelhanças e diferenças entre estes currículos que influenciaram e influenciam o currículo escolar e a formação dos professores brasileiros que passaram a adotá-los em distintos períodos da história do país com o objetivo principal de promover uma reflexão crítica a cerca do currículo trabalhado em sala de aula. Assim, para elaborar todas as afirmações que serão apresentadas recorri aos textos bases citados e referenciados. Então, me dediquei em pesquisar e compreender os temas aqui abordados com o objetivo de consolidar o conhecimento sobre a temática, tanto no pleno de compreensão, retenção e crítica das informações obtidas quanto no de avaliação dos alcances das mesmas na formação docente.

Metodologia

O percurso metodológico utilizado para alcançar o objetivo de compreender o contexto histórico dos currículos que norteiam o trabalho pedagógico, proposto nesta pesquisa, se fundamenta no estudo bibliográfico sobre o tema com base nos teóricos Doll (2002), Giroux (1992), Pacheco (1992), Saviani (2007), dentre outros, a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, pois “permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto com o objetivo de recolher informações ou



conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p. 32).

Por fim, foram realizados estudos no Componente Curricular de Currículo do curso de Pedagogia na perspectiva de compreender o contexto histórico e o que era um currículo. Desse modo, para fixar e consolidar o aprendizado sobre o referencial teórico foram realizados estudos dirigidos abrangendo as principais questões sobre a temática. E para finalizar o estudo as questões foram discutidas e comentadas pelas alunas do curso de Pedagogia e pela professora que ministrou o Componente Curricular de Currículo contribuindo para esclarecer as dúvidas sobre o assunto, pois na concepção do pedagogo Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia” todo conhecimento é inacabado como um processo no qual desenvolve-se continuamente incorporando novos elementos, pois o saber é disposto de forma integrada e o conhecimento é amplo e difuso.

Objetivo neste estudo, qualitativamente, compreender o contexto histórico dos currículos que norteiam a formação oferecida aos professores e sua atuação cotidiana bem como o trabalho pedagógico a fim de promover uma reflexão crítica a cerca do currículo trabalhado em sala de aula.

1 Currículo Humanista

Após compreender o que é um currículo e o contexto histórico-social do currículo falado anteriormente iniciou-se o estudo do currículo humanista no qual se conhece a partir da catequese jesuítica por ser voltada para a formação do homem perfeito, do bom cristão e centrada em um currículo de educação intelectual baseada na leitura de teóricos para a elite colonial o que promoveu a institucionalização da educação no Brasil. Para tal, tive como base o Capítulo II – “Uma pedagogia brasilica” e o Capítulo III – “A institucionalização da pedagogia jesuítica ou o *Ratio Studiorum* (1599-1759)” no livro “História das idéias pedagógicas no Brasil” de autoria de Dermeval Saviani (2007) e o filme “Anchieta no Brasil” abordando a temática de forma clara e objetiva para ajudar e reforçar a compreensão trazendo grande contribuição porque os currículos escolares constituem os eixos temáticos no processo pedagógico, um documento que orienta o trabalho dos educadores por isso a importância do estudo.

As ideias pedagógicas têm início com os jesuítas durante as missões nas terras brasileiras para catequização dos indígenas no qual já



possuíam uma educação de modo espontâneo e integral em uma sociedade coletiva. Assim, Saviani nos mostra que os indígenas tinham sua maneira de educação, mas não era pedagógica, sistematizada ou planejada, mas era por meio da imitação e observação. E esse estudo se mostra na sociedade indígena *Tupinambá* organizada em cinco grupos de idades na qual tanto meninos como meninas dependiam da mãe até os oito anos e as tarefas a eles destinadas eram distintas e segundo o autor acima referido as crianças eram adestradas quando pequenas.

Continuando o estudo, a partir da leitura do *Ratio Studiorum* ou Plano de Estudos da Companhia de Jesus foi possível compreender suas origens e a elaboração das constituições da Companhia de Jesus feita por Inácio de Loyola da Companhia de Jesus em 1534.

O Plano é um conjunto de regras criado para nortear o trabalho da Ordem Jesuítica. E este documento tem início com as regras da provincial, depois do reitor, do prefeito, de regras da prova escrita, da distribuição de prêmios, do *debel*, dos alunos e por último das várias academias com a finalidade de formação pessoal no qual a figura do professor era central como detentor do conhecimento para formar a humanidade do aluno em sua plenitude no qual é visto como um ser individual, dotado de uma identidade que precisa de construção, ou seja, formação do caráter do aluno vinculada aos valores cristãos. A sua metodologia contém sugestões de processos didáticos de transmissão de conhecimento e de como estimular o aluno de modo a consolidar o seu esforço educativo para a formação religiosa. Contudo, propõe uma educação essencialmente de caráter religioso e incentiva à formação de virtudes religiosas. Assim, a educação é alicerçada nos preceitos religiosos desde os conteúdos ensinados aos costumes cristãos necessários para assegurar valores e formas de comportamento no qual tudo era explicado de acordo com a fé cristã.

A proposta é de uma formação intelectual vinculada à formação moral e bons costumes explicitados em regras para uma organização eficiente dos Colégios Jesuíticos. E para tal estudava-se teologia com duração de quatro anos em que estudava teologia escolástica, teologia moral, sagrada escritura e língua hebraica. E também filosofia ligada à religiosidade para formação de padres catequistas compondo o chamado “estudos superiores” e o curso de humanidades chamado de “estudos inferiores” que corresponde atualmente ao ensino médio.

Por conseguinte, para ingresso nos colégios dos jesuítas era feita uma seletiva com critérios bem definidos no qual verifica-se o nível de instrução e da boa conduta do candidato. Porém, os jesuítas promoviam ainda a inclusão daqueles considerados pobres. Desse modo, não se faz hoje diferente, pois para ingressar em



Colégios, Institutos e principalmente na Universidade o candidato precisa passar na seleção a fim de conquistar sua vaga na instituição, para tal deve demonstrar domínio dos conteúdos no exame realizado.

O Plano de Estudos da Companhia de Jesus determina a normatização da conduta de professores e alunos colocando como deviam agir no processo de ensino-aprendizagem; o professor detentor do conhecimento e como ele devia transmitir os conteúdos propostos; os métodos de ensino que o professor deve seguir e os métodos de atividades, exercícios e os exames escolares. A conduta do professor e do aluno era voltada aos princípios cristãos. E os alunos disciplinados, distribuídos em classes, dispostos nas carteiras em filas olhando para frente no qual permanece até hoje, calados e que respeitavam a autoridade do professor. Portanto, o *Ratio Studiorum* nos remete a educação atual no qual serviu de base para a educação moderna, pois traz muitos resquícios principalmente a organização hierarquizada no interior da escola em que uns são sujeitos das ações dos outros.

O currículo humanista, então, associou-se ao tecnicismo da modernidade industrial no qual consiste na transmissão de conhecimentos e habilidades para o mercado de trabalho bem como mecanizava e alienava o aluno ao contrário do humanismo que se preocupou em humanizar o aluno.

Pra finalizar, o estudo do texto “Uma pedagogia Brasílica (1549-1599)” foi realizado um estudo dirigido com cinco questões abrangendo as principais ideias do texto pra fixar e consolidar o aprendizado sobre o tema.

2 Currículo Tecnista

Prosseguindo com o estudo, a partir do filme “Tempos Modernos” com *Charles Chaplin* é possível observar a questão do tecnicismo na sociedade moderna para exemplificar o tecnicismo ao mostrar a vida de operários com a revolução industrial, em que houve a passagem da produção artesanal, para a produção em série. Essa transformação teve como objetivos: produção de mercadorias em alta escala, agilidade e rapidez no processo, redução/contratação de mão-de-obra barata. A partir do filme é possível fazer a comparação da entrada das pessoas no metrô equivalendo a uma condução de manada, ou seja, uma maneira de controlar. Essa entrada exemplifica a escola que tenta controlar e padronizar os alunos. Visto que o aluno quer se singularizar, mas o professor trabalha com uma conduta padronizada, corpos disciplinares, sentados, calados,



dóceis no qual esse processo começa desde a creche com a submissão do corpo característico do *Ratio Studiorum*.

Conforme Tyack citado por Doll (2002) em “Os remanescentes do currículo”, o tecnicismo surge com a industrialização nos Estados Unidos após a Guerra Civil sob a égide da produção eficiente e organizada bem como a eficiência técnica da linha de montagem Taylorista. Desse modo, na visão de Saint-Simon (apud DOLL, 2002, p. 60) tornou-se realidade uma sociedade tecnocrática e profissional a partir da padronização e fragmentação da produção. Já no Brasil o tecnicismo foi introduzido na educação brasileira na década de 1968 e 1970, com a instauração do Regime Militar no qual a escola com a finalidade de divulgar o modelo de produção capitalista forma um aluno bem treinado para inserir-se profissionalmente no sistema econômico vigente.

Este período foi de produtividade, mecanização das ações e controle dos trabalhadores com o modelo de produção Taylorista organizada em torno de um método de planejamento e de controle dos tempos e movimentos no trabalho para o “estado máximo de eficiência” na produção. E Doll (2002, p. 64) afirma que mais tempo poderia ser economizado e mais bens produzidos se os trabalhadores, incluindo professores, agissem conforme as ordens recebidas e esta era a chave da eficiência e da padronização. Desse modo, os EUA adotaram o método de Taylor pelo processo crescente de urbanização e industrialização com o ideal de difundir o sentimento de nacionalidade, o então chamado “ser americano”.

As escolas também adotaram este modelo de linha de montagem na busca de eficiência. E hoje percebe-se resquícios como a fragmentação do ensino, fragmentação do dia escolar em unidades temporais separadas estabelecida pela U.S. Steel Company, aumento da carga horária de disciplinas técnicas e a competição levando a um ensino monótono, mecânico e repetitivo com a finalidade de manter sob controle a grande “massa” formando indivíduos sem crítico e reflexivo, pois perdem a autonomia, a criatividade e de acordo com William E. Doll (2002) este tipo de currículo baseado no sistema fabril conduz à desumanização dos alunos.

Neste currículo pautado na eficiência e na padronização, a escola, por sua vez, tem um papel eficiente e funcional de empregar técnicas especiais de ensino a fim de formar indivíduos preparados e direcionados para desenvolver suas funções. Na maioria das vezes, os conteúdos são mais superficiais a partir do planejamento racional, sem abordagens históricas e demonstrações, o que desfavorece a reflexão. Há a utilização de modelos de soluções para os problemas, ou seja, os alunos seguem padrões de



resoluções, obedecendo fielmente as regras determinadas pelo passo a passo e conforme Bobbitt (apud DOLL, 2002, p. 65) o local de trabalho da sociedade industrial passou a ser idealizado, com o currículo construído a partir dos erros que os alunos faziam em exercícios simulados apontando como origem dos objetivos curriculares definidos em termos precisos, práticos e mensuráveis no qual estes objetivos representam os ideais da sociedade industrial. O currículo tecnicista de acordo com o modelo capitalista tinha o objetivo de formar indivíduos competentes para o mercado de trabalho transmitindo eficientemente informações precisas, objetivas e rápidas.

O professor é um especialista transmissor de verdades científicas, realiza a transmissão da matéria, o aluno recebe, aprende e fixa as informações programadas tornando-se receptor apenas de conteúdos selecionados e transmitidos. Cabe ao professor ser um elo entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema instrucional previsto. Pois, a relação entre professor e aluno é apenas técnica e, portanto, o elemento principal passou a ser a organização racional dos meios.

Ao término do estudo foi realizada a elaboração de uma produção textual que contemplou todo o conteúdo discutido em sala de aula sobre o currículo humanista a partir de uma reflexão sobre o *Ratio Studiorum* e o currículo tecnicista para recapitular o conteúdo. Contudo, esta produção foi importante para constatar o aprendizado sobre os temas trabalhados bem como exercitar a escrita acadêmica.

3 Currículo Crítico

O currículo crítico foi introduzido com a explanação da professora que ministrou o Componente Curricular de Currículo a partir do slide elaborado pela mesma para a compreensão do tema. Foi estudado que o currículo crítico busca analisar as condições sociopolíticas e econômicas de sua aplicação, visando à transformação da realidade.

Foram indicados os textos “Onde a crítica começa: ideologia, reprodução, resistência” e “O currículo como política cultural: Henry Giroux” para estudo da temática na qual realiza uma crítica ao identificar e reforçar os processos sociais que podem conduzir à superação das ordens sociais dominantes no qual Silva (1999, p. 29) afirma que as teorias críticas do currículo efetuam uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais.

A partir dos textos norteadores do estudo foi esclarecido o que é ser crítico para elucidar concepções equivocadas, pois é um termo utilizado



frequentemente atualmente como professor crítico, aluno crítico e cidadãos críticos no qual ser crítico é quem fundamenta-se e faz uso das ferramentas da teoria crítica, ou seja, ser crítico é um engajamento, um enfrentamento, é ser um analista da realidade social e ter uma postura política utilizando-se da Teoria Crítica.

Este currículo é baseado na Teoria Crítica constituído por um corpo teórico dos filósofos e pensadores de outras disciplinas ligadas à Escola de Frankfurt, criada em 1923 no qual não configura-se como uma teoria homogeneia, mas tem por objetivo fortalecer aqueles sem poder e transformar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade capitalista em prol de uma justiça social. O instituto trabalhava de maneira independente e com intelectuais provenientes de distintos campos de pensamento como estética, artes, antropologia, sociologia e filosofia. A Teoria Crítica tem como expoentes Pollock, Löwenthal, Adorno, Benjamin, Marcuse, Habermas e o então diretor da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer, autores e seus fundamentos que criticam a sociedade capitalista e contra a dominação das estruturas econômicas e sociais procurando romper com os padrões de estratificação das instituições sociais.

A teoria crítica aborda conceitos de ideologia, poder, reprodução cultural, reprodução social, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto, resistência e dialoga com o humanismo e o tecnicismo voltando-se para compreender o que o currículo faz com as pessoas e as instituições. E tem como fundamentos a desconfiança do *status quo* ao responsabilizá-lo pelas desigualdades sociais; essa teoria direciona seu “olhar” para as iniquidades e as injustiças sociais provocadas pelo currículo, particularmente ao selecionar os conhecimentos considerados relevantes; questiona/busca a transformação radical, e preocupa-se com imposição do saber da classe dominante.

É através da educação que ocorre o processo de reprodução social da cultura dominante e Pierre Bourdieu utiliza-se da cultura para explicar esse processo, ao contrário de Althusser (apud SILVA, 1999, p.32) que aponta a força que vem coagir aqueles que saem dos padrões impostos e a ideologia como responsáveis por manter a sociedade no estado de submissão inconsciente no qual a escola contribui para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, através das matérias, as crenças que nos fazem ver os arranjos sociais existentes como bons e desejáveis. Bourdieu elabora o conceito de “Violência Simbólica”, apropriado pela classe dominante para se impor sobre a classe dominada, por meio de uma cultura exclusiva e de um currículo escolar tendo como base a



cultura dos que detêm o poder e dispõem dos capitais econômico, cultural, social e simbólico hierarquizando verticalmente os grupos sociais.

Para o estudo do currículo crítico foi necessário retomar os conhecimentos de Sociologia da Educação com o texto “Pedagogia radical e o intelectual transformador” de Henry Giroux (1992) no qual o autor inicialmente discute a perda de poder dos professores em todos os níveis de ensino nos Estados Unidos como referência para os países em desenvolvimento em um contexto histórico de transformações, em especial o capitalismo, porque a escola está na base da estrutura capitalista.

No texto de Giroux (1992) um elemento que demonstra a perda de poder do professor em todas as condições de trabalho é a sua formação, no qual está sendo treinado como mão de obra para desempenhar tarefas dentro da escola sem pensar e planejar simplesmente executar. Isto ocorre porque o próprio treinamento do professor não o considera como instrumento de mudança apenas como um servidor público.

Esse discurso de Giroux (1992) é devido ao processo de racionalização do trabalho docente que passa a ter fins puramente mundanos, extremamente racionais e burocráticos. É perceptível que o trabalho do professor está palpado desde o desenvolvimento do capitalismo na busca de uma finalidade sendo orientado por ação racional para fins, tornando-se um trabalho eficiente. Assim, o autor considera o ensino como uma ação intelectual onde o professor precisa não apenas ter domínio do conteúdo, mas ser capaz de criar e recriar formas de viabilizar o processo educativo.

Giroux (1992) critica os pacotes curriculares como perda do poder do professor, porque o professor não opina o que deve ser ensinado, pois não possui autonomia para tal. Então, o autor demonstra que no mundo moderno racional a escola é uma estrutura burocrática, rígida, controladora, tecnicista e delimitante da autonomia e liberdade do professor. Este vem perdendo o poder gradativamente sobre o seu trabalho e está sob o controle das racionalidades burocráticas da escola. A estrutura burocrática é quem define os conteúdos, por exemplo, o livro didático já contém todos os objetivos a serem alcançados no qual indiretamente e/ou diretamente transmitem conteúdos ideológicos.

No texto o autor se posiciona contrário ao ensino especializado e tecnicista, pois forma alunos sem senso crítico para questionar as condições e as realidades que os cercam, uma vez que a didática do professor influencia nesta questão. Na medida em que se estabelece uma forma de ensino, muda completamente o sentido da educação que tem por objetivo promover a libertação e reflexão. Desse modo, faz-se necessário

na concepção do autor elucidar as escolas de orientação behaviorista.

Giroux (1992) considera fundamental o processo de formação do professor, o que se faz repensar os fatores que tem impedido o professor em trabalhar todo seu potencial como profissional intelectual transformador. O autor ainda faz uma crítica que ultimamente a formação do professor está se tornando cada vez mais pragmática.

No transcorrer do estudo foi indicado o texto “Uma visão espacial da sociedade: Espaço e campos” de Bourdieu (2003) para também retomar os conhecimentos de Sociologia da Educação. Diferente de Marx que vê a sociedade como uma pirâmide de classes. Bourdieu vê a sociedade como um conjunto múltiplo de diferentes campos sociais e de diferentes espaços sociais.

O autor referido acima faz uma crítica à sociedade de seu tempo ao comentar que no interior dos campo/espacos os indivíduos são classificados como pertencentes a diferentes classes. Nesse interior, indivíduos de diferentes classes com diferentes tipos de capital convivem não necessariamente harmonicamente, mas de maneira tensa com várias relações de poder dentro desses espaços que são atravessados por lutas, e por sua vez, o campo não é um espaço de equilíbrio, mas sim um ambiente de conflito, tensão, e jogo de interesses distintos de pessoas em posições diferentes umas das outras. E, portanto, o currículo crítico parte da reflexão sobre as desigualdades sociais que a escola e o currículo reproduzem levando à manutenção das relações de dominação e exploração de uns sobre outros.

A teoria pós-crítica de currículo, presente principalmente a partir dos anos 1990, fundamenta-se no pós-estruturalismo e pós-modernismo e nas contribuições de autores como Deleuze, Foucault, Derrida, Morin, Maturama, dentre outros, os estudos de gênero, identidade, poder-saber, diferença e grupos sociais diferenciados (PACHECO, 2007). Não adentrarei a teoria pós-crítica de currículo, pois se trata de uma abordagem muito mais complexa, que demandaria um estudo à parte, principalmente por conta de suas diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

Ao estudar os currículos humanista, tecnicista e por fim o currículo crítico ficou perceptível que um não substituiu outro, mas que associaram-se, ou seja, ocorreu uma junção dos três currículos para constituir o currículo escolar atual.

Considerações Finais



Diante do exposto, o currículo muda de acordo com a época, ou seja, o momento histórico adaptando-se as necessidades e exigências do governo e da realidade social existente no qual é um campo permeado de ideologia, cultura e relações de poder da realidade histórica e cultural que condicionam a teorização dos conteúdos e da metodologia. Assim, o *Ratio Studiorum* nos remete a educação atual no qual serviu de base para a educação moderna, pois traz muitos resquícios principalmente a organização hierarquizada no interior da escola em que uns são sujeitos das ações dos outros.

A escola é uma burocracia e para se tornar eficiente organizou racionalmente o ensino a partir do tecnicismo. Ela é um instrumento de controle, limitação da liberdade e da autonomia dos indivíduos. Dessa forma, a estrutura burocrática racionaliza as ações em busca de eficiência o que justifica as aulas dos professores já serem prontas sem necessidade que o mesmo crie e recrie práticas pedagógicas.

Sendo assim, para adaptar-se ao novo modelo de educação que o país impunha com o objetivo de acompanhar a modernidade, o progresso e o desenvolvimento o professor humanista passa por uma mudança da sua base metodológica adotando o currículo tecnicista e deixa de lado uma formação intelectual e moral para torna-se um profissional das técnicas que não constrói a postura do professor como intelectual transformador que ensina ao aluno a construir seu senso crítico, pois o tecnicismo não exige uma reflexão.

O sistema atual de ensino apoiado nos currículos já abordados negligência o processo de aprendizagem dos alunos impondo a restrita aplicação de conteúdos e definindo o ritmo que a aula deve seguir. O professor perde sua autonomia na sala de aula porque o sistema já na sua formação o conduz ao tecnicismo no qual perdeu o poder e está sob controle das racionalidades burocráticas da escola. Observo ainda boas contribuições dos dois currículos como a disciplina e a organização dos alunos.

Portanto, a escola deve romper com este modelo de educação imposta para que se torne uma ferramenta para desenvolver em cada aluno seu senso crítico e os mesmos devem entender que este é o espaço de atividades reflexivas, contribuindo assim para a formação de novos sujeitos, ativos, que percebam-se enquanto atores sociais construtores de sua própria história.

Referências

BONNEWITZ, Patrice. Uma visão espacial da sociedade: Espaço e campos. In: **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. (p. 51-90)



DOLL JR, William E. Os remanescentes do currículo. In: **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: ArtMed, 2002. (p. 55-72)

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCA, Leonel S. J. **O Método Pedagógico dos Jesuítas – O Ratio Studiorum**. Organização e Plano de Estudos da Companhia de Jesus. Rio de Janeiro: AGIR, 1952. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.Unicamp.br/acer_fontes/acer_histedu/brco1013.htm>. Acesso em: 18 de ago. 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e JÚNIOR, Marcílio Souza. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v.1. n.3, p. 391-408, set./dez. 2005.

GIROUX, Henry. Pedagogia radical e o intelectual transformador. In: **Escola crítica e Política cultural**. 3º ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (p.7-20)

MELLO, Guiomar Namó de Mello. **Currículo da Educação Básica no Brasil: concepções e políticas**. 2014. Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2015/09/guiomar_pesquisa.pdf>. Acesso em: 01 de jun. 2017.

PACHECO, José Augusto. **Estudos curriculares: para a compreensão crítica da educação**. Correio a Educação, 2007. Disponível em: <http://www.asa.pt/CE/Estudos_curriculares.pdf>. Acesso em: 15 de set. 2016.

SAVIANI, Dermeval. A institucionalização da pedagogia jesuítica ou o *Ratio Studiorum* (1599-1759). In: **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (p. 32-59)

SILVA, T. T. da. O currículo como política cultural: Henry Giroux. In: **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. (p. 51-56)

_____. Onde a crítica começa: ideologia, reprodução, resistência. In: **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. (p. 29-36)